

Índice

Introdução	9
Mónica Baldaque	

Livro dos Prefácios à Obra de Agustina Bessa-Luís

<i>A Sibila</i> , 1954	13
Gonçalo M. Tavares	
<i>Os Incuráveis</i> , 1956	19
João Bénard da Costa	
<i>A Muralha</i> , 1957	25
Rui Ramos	
<i>O Susto</i> , 1958	51
António M. Feijó	
<i>Ternos Guerreiros</i> , 1960	61
Agustina Bessa-Luís	
<i>O Manto</i> , 1961	65
João Miguel Fernandes Jorge	
<i>Santo António</i> , 1973	71
José Tolentino de Mendonça	
<i>As Pessoas Felizes</i> , 1975	77
António Barreto	
<i>Fanny Owen</i> , 1979	83
Hélia Correia	
<i>O Mosteiro</i> , 1980	91
Bruno Vieira Amaral	

<i>A Casa</i> , 1981	101
Antônio Preto	
<i>Os Meninos de Ouro</i> , 1983	105
Pedro Mexia	
<i>Prazer e Glória</i> , 1988	111
Jorge Cunha	
<i>Vale Abraão</i> , 1991	115
Antônio Lobo Antunes	
<i>Jóia de Família</i> , 2001	119
Bernardo Pinto de Almeida	
<i>As Estações da Vida</i> , 2002	139
Antônio Barreto	
<i>Doidos e Amantes</i> , 2005	147
Mário Cláudio	
<i>A Ronda da Noite</i> , 2006	153
Antônio Mega Ferreira	
<i>Três Mulheres com Máscara de Ferro</i> , 2014	159
Mônica Baldaque	
<i>Deuses de Barro</i> , 2017	161
Mônica Baldaque	
<i>Primeiros Contos e Outros Contos</i> , 2020	171
Mônica Baldaque	
<i>Correspondência (1959-1965)</i> , 2021	179
Ernesto Montequin	

Introdução

A Relógio D'Água Editores iniciou em 2017 a reedição da Obra de Agustina Bessa-Luís, e, por proposta do seu Editor, Francisco Vale, cada título a publicar teria um prefácio de um escritor ou autor, num exercício de conversação com o leitor, com o objectivo de situar o romance e a escrita num plano reflexivo, desmontando aquilo que pode ser uma leitura passiva.

Se é certo que entre o livro e o seu leitor se estabelece uma relação privilegiada, única, numa espécie de retiro mental que não deveria ser perturbado pelo tom de uma leitura que se antecipou à sua, portanto, ao seu próprio juízo, é certo também que o prefácio funciona como a voz-off que coloca o autor, personagens, paisagem, tempo e enredo nos seus devidos lugares — pontos de partida, de entendimento e descoberta do sentido das coisas.

Numa conferência sobre o romance *Guerra e Paz*, de Lev Tolstói, Agustina diz:

Sabeis decerto porque escolheis um livro, porque a leitura dele vos agrada. Mas talvez não pensastes nunca que o livro é tanto mais completo, e mais realizado, quando corresponde aos dois impulsos da vossa personalidade. Ele é simultaneamente descoberta da vossa solidão e da vossa sociabilidade. Nele vos vereis na vossa originalidade, no vosso segredo; mas também vos impele para o encontro dos seres e vos dá a alegria da sua semelhança convosco.

Os 22 prefácios aqui reunidos tocam, de formas tão diferentes, nestes dois pontos definidos: na intimidade da leitura de cada prefaciador; e no encontro dos leitores na participação na escrita, tornada tempo comum.

Cumpre-se assim o propósito de revelar ao leitor, através do instrumento da linguagem, um método de leitura, de interpretação, de análise, de convivência, diria.

Quando um escritor, um autor, se debruçam sobre uma obra de um escritor, distanciam-se de si próprios, passam a intérpretes de outro pensamento, o que constitui o magnífico ensaio da comunicação — *o passo dado na direcção do interlocutor*.

Surpreendentes páginas estas aqui reunidas, libertas dos romances que as inspiraram, tornadas autónomas, como monólogos soprados ao sentimento de cada um.

Mónica Baldaque
Porto, 02/03/2022

Livro dos Prefácios
à Obra de Agustina Bessa-Luís

A Sibila

Sobre *A Sibila* — Algumas Notas

1.

A importância de *A Sibila* é inegável e, já na década de 60, Eduardo Lourenço escrevia: «Foi há dez anos que o milagre, já anteriormente preparado, teve lugar na praça pública. [...] O que *Sibila* e a sua descendência significam não precisa de ser sublinhado por contraste. Mas este mundo romanesco, pelo seu simples aparecimento, deslocou o centro da atenção literária.»

2.

Há, em *A Sibila*, como em muitos livros de Agustina, uma implacável luta pelo poder. Mais do que uma luta de classes, menos do que uma luta de classes: a luta é entre indivíduos. Dinheiro, número de filhos, sucesso com as mulheres ou com os homens, eis alguns índices relevantes, armas nesta luta. Uma história do poder: quem sobe, quem desce. E porquê.

Sobre quem tem a vida a esgotar-se, diz-se que «não desperdiçava um minuto com maneiras melífluas ou cativantes sorrisos, porque já não esperava o juro desses gastos». As relações sociais, as simpatias e delicadezas como custos, investimentos, perdas ou ganhos. Nenhum optimismo social, tudo é negócio; luta civilizada.

Exemplos desta análise implacável das lutas, atritos, delicadezas, que implicam subidas e descidas sociais: «Domingas era prazenteira com os homens, que, protegendo-a, asseguravam um contrato-promessa; às mulheres adulava-as, tornava-se prestável e fazia-se insignificante junto delas. Nenhuma mulher acusa outra que um dia se lhe reconheceu inferior.» E nestas sentenças está tudo: inteligência e sarcasmo; transformação do pessimismo em frases utilizáveis pelos vivos como se fossem instrumentos, ferramentas.

3.

Em *A Sibila* vemos outra das características dos livros de Agustina — de facto, nada escapa a um olhar cáustico que corrói tudo com essa descrença inteligente, mas um dos primeiros alvos é a mulher.

Relembremos em *A Sibila* estas sentenças de Teodora, «que enumerava os rigores da mulher perfeita — larga em três sítios, estreita em três sítios, branca em três sítios, negra em três sítios, alta em três sítios, pequena em três sítios...». Num outro ponto, a pontaria rápida e desconcertante que fala d'«aquele ar de açucarado desdém com que certo número de mulheres parecem vingar o não serem cortejadas, ao mesmo tempo que desejam revelar a sua virtude».

E também a velhice não é perdoada. Em Agustina há até, por vezes, uma forma áspera de olhar para a passagem do tempo, «essa maturidade que se exprime nas criaturas por um estacionamento mental». «Estacionamento mental», falta de curiosidade e entusiasmo: falhas graves no humano, novos e velhos pecados que fazem dos humanos, humanos inertes,

Nem os velhos, nem os jovens, nem os assim-assim: tudo é destruído por Agustina-Sibila, que descreve, por exemplo, os funcionários públicos como uma «raça extrabíbica criada a uma luz que não é de sol, vegetando entre dois muros móveis de orçamento».

As mulheres, os velhos, os funcionários públicos e etc. — todos terão direito à sua estocada. Num certo ponto de *A Sibila*, esse violento e definitivo encolher de ombros: «Mas alguém tem culpa de alguma coisa? Joga-se e perde-se; luta-se e é-se vencido.»

4.

Numa definição rápida e perfeita, inscreve a dúvida nos mais inatácáveis dos sentimentos: «Amava-o, não o observava».

Agustina observa tudo. Não as ama, tem compaixão pelas suas personagens — tão humanas.

Há também, claro, essa ironia e essa distância. Forte, nos romances de Agustina, não é quem toca ou é tocado. Não quem parte algo, torce ou levanta, não quem vence pelo músculo.

Aquele que resolve os problemas do mundo à distância — esse é o verdadeiramente forte. Como se fosse um acto mágico: desata nós sem usar as mãos — com as sentenças. Como num mundo imaginário em que não existissem acções, em que os homens e as mulheres vivessem com as mãos atrás das costas e apenas a qualidade das suas frases fosse capaz de resolver os problemas materiais.

Por vezes, então isto: um mundo sem mãos, com cabeça e sabedoria, com língua — essa língua, esse falar que Agustina colocou no topo da hierarquia dos actos possíveis.

Age com a argúcia da linguagem e todos os nós do mundo serão desatados, como num milagre.

5.

A frase, a sua potência, a sua maldade, a sua ironia como elementos essenciais da luta entre indivíduos; sim, mas também o silêncio. Os silêncios poderosos *versus* os silêncios fracos. Os silêncios de quem se cala porque os outros dizem algo mais forte, e o silêncio de quem deixa aos outros o palco da tagarelice secundária.

6.

Diga-se que nunca uma frase de Agustina se entrega por completo a um lado, a uma tese. Há sempre um *mas*:

«— Menina — disse, como muitas outras vezes dizia, Quina —, não te cases nunca. É a maior desgraça que pode acontecer a uma mulher.

— Depois de não casar? — E Germa riu-se [...].»

Todo o contra-argumento é um obstáculo que aumenta a agilidade física e mental. O obstáculo permite o salto, ensina a saltar. Pedagogia do obstáculo, da oposição. Criar problemas a si próprio, ao seu próprio pensamento, para exigir esforço. Aquilo a que chamamos esforço, podemos também designar como pensamento. Agustina e o pensamento. Um modo de argumentar que passeia, então, entre *sim*, *não*, *talvez* e *antes pelo contrário*.

7.

Há ainda em Agustina um regresso constante ao popular, um desvio:

«“Os filhos de minhas filhas, meus netos são; os filhos dos meus filhos, serão ou não” — dizia, asperamente, Maria.»

Num outro ponto de *A Sibila* fala-se das «expressões castiças em que a gramática se revoluciona e desprestigia». Extraordinária frase que coloca o popular, ao mesmo tempo, no sítio do desconcerto e da iluminação.

8.

O humor de Agustina, claro, que reside muitas vezes na súbita variação da altitude de uma frase.

Vejamus um exemplo na malandra oração de Quina, a Sibila, que começa de modo quase convencional — «Abençoai os nossos campos, para que eles tenham água e nos dêem pão» — mas que, aos poucos, vai introduzindo o quotidiano bem lá de casa em pleno universal: «Levai para longe a fome, a peste, a guerra e os amigos que mentem.» Até terminar, então, na mais pura oração-pedido concreto; oração-queixa, oração que cai do vasto mundo para a mais exacta

das dívidas: «Abençoai também os nossos moinhos e os caseiros deles, que não pagam a renda há tanto tempo...»

Das palavras bíblicas — pão, casa, gado, frutos, riqueza, desgraça — até aos bem próximos caseiros devedores.

Numa rápida oração, pois, aí está a Sibila em toda a sua potência: o magnífico só serve para alcançar aquilo que não deixa avançar os meus pés. Rimos porque pensámos estar num sítio alto e, afinal, não — nunca estamos.

9.

Sabedoria em Agustina como forma de inventar espaço, de criar hipóteses em redor de uma frase: «O que faz suportáveis os grandes golpes é a graduação com que as suas conseqüências se fazem sentir.» A frase sábia, como neste exemplo, exige suspensão, paragem, adiamento da leitura das frases seguintes.

Muitas frases de Agustina obrigam a existir um espaço vazio entre elas, espaço psicológico, mental, bem maior do que o espaço concreto que existe entre o ponto final e a letra grande da frase seguinte. Não é esse espaço de milímetros que importa, é o espaço — e o tempo — que a frase anterior exige ao leitor. Porque o leitor suspende a leitura, levanta a cabeça, escava a frase como quem quer descobrir tudo o que existe debaixo de uma superfície.

Frases sábias tornam-se, então, frases-ilha. Isolam-se. O leitor fica com elas, volta atrás, constrói, no fundo, dezenas de outras frases — uma espécie de comentários-fantasma. Uma frase que exige respostas, comentários, sublinhados.

Muitas vezes, como se fossem pequenas parábolas:

«— [...] se alguém a ofendesse muito, perdoava, retribuía ou esquecia?»

E Quina responde (e que síntese extraordinária da divertida acidez de Agustina):

«— Perdoava a uma criança, retribuía a uma mulher; tratando-se de homem, esquecia.»